

LITERATURA MOÇAMBICANA

QUE É?

Um texto que era uma proposta ao debate foi o que publicámos na «Gazeta 56», da autoria de Ana Mafalda Leite. Intitulámo-lo de «Uma Aproximação à Moçambicanidade» porque, na verdade outras existem, como esta que Fátima Mendonça escreveu e nós publicamos neste número.

Fátima Mendonça, professora de Literatura Moçambicana, de quem divulgámos ainda recentemente um estudo sobre a «Moçambicanidade» em José Craveirinha, Rui Knopfly e Sérgio Vieira, discorda de

Ana Mafalda onde ela privilegiou uma poética africana como ponto de referência face à heterogeneidade das propostas poéticas que aqui aconteceram. F. M. fala em Literariedade e Moçambicanidade tendo em linha de conta que a literatura moçambicana escrita em língua portuguesa «se constitui a partir de uma tradição literária europeia em que /só/ esporadicamente intervêm elementos decorrentes de um corpo poético enraizado em alguns géneros da literatura oral do Sul de Moçambique».

O texto de Ana Mafalda Leite, publicado na edição de 26 de Maio da Revista «Tempo», provoca, tal como é sugerido na apresentação que dele faz Luís Carlos Patraquim, um número infundável de interrogações que, equacionadas, poderão num futuro contribuir para que, com algum rigor e pouco espontaneísmo, se definam alguns dos critérios orientadores de uma formulação, cada vez mais precisa, do quadro em que se move a Literatura Moçambicana escrita em língua portuguesa.

A nossa «réplica» assume pois, o carácter de contribuição para uma reflexão, cujo critério de validade é manifestamente precário e provisório, dada a falta de distanciamento temporal que questões desta natureza necessariamente exigem.

A. Mafalda Leite aborda no referido artigo alguns aspectos que nos parece interessante destacar, e que por razões de método, passamos a enumerar:

1. Necessidade de «elaboração de uma teoria poética africana, diferenciada da tradição das poéticas ocidentais também intervenientes no processo de constituição das literaturas em causa», co-

mo meio determinante para caracterizar a especificidade de uma literatura nacional em alternativa ao estabelecimento de tópicos regional/universalizantes, com vista a essa caracterização.

2. Existência de uma heterogeneidade poética em Moçambique, justificada, em parte, pela permanência de várias culturas, para além da europeia «anteriormente e durante a época da colonização», nomeadamente «o islâmico e o oriental».

3. Presunção de que essa heterogeneidade poética «de certo modo define os eixos fundamentais da literatura moçambicana» que se continuarão a revelar após a publicação do número único de M S A H O (Lourenço Marques, 1952), a saber: uma poética de cariz social, ligada às correntes neo-realistas, cuja divulgação se demarca em torno de figuras como Augusto dos Santos Abranches, Afonso Ribeiro, Virgílio de Lemos e outra de feição mais universalizante, marcada pela estética presenceista, de que seriam representantes Cordeiro de Brito e Reinaldo Ferreira.

4. Sugestão de que o caso moçambicano se apresenta rodeado

de traços originais que dificultariam a imediata formulação de um conceito como «moçambicanidade literária», oposto a idêntico conceito quando remetido, por exemplo, a Cabo Verde ou Angola.

5. E por último, a primeira e fundamental questão de se saber como dimensionar a produção literária surgida em Moçambique a partir da década de 40 (excluindo a autora o período anterior, talvez por nele se destacar apenas a produção isolada de Rui de Noronha, exclusão que achamos discutível).

Parece-nos que estes aspectos se podem agrupar em três questões fundamentais, susceptíveis de posicionamentos vários, abrindo por isso o campo a uma discussão potencialmente geradora de novos e polémicos elementos de análise. Reduziremos essas questões a três áreas:

- relação entre as marcas nacionais ou nacionalizantes e as marcas de uma poética africana, distinta da europeia, presentes na literatura produzida em Moçambique até 1975.
- identificação do substracto

cultural que forja a literatura escrita em língua portuguesa, em Moçambique durante o mesmo período.

— demarcação das linhas de força.

Procuraremos problematizar estas questões conjuntamente, porque, longe de se afirmarem autonomamente, elas se interligam em relações de ordem vária, que, em última análise nos poderão conduzir à percepção dos traços mais significativos que orientaram a literatura escrita em Moçambique, ao longo de meio século.

Assim, surgem-nos imediatamente algumas dúvidas quanto à eficácia do procedimento que consiste em priorizar, na definição do conceito de «literatura moçambicana» escrita, o estudo da poética africana. Parece-nos que A. Mafalda Leite subestima o facto de a estratégia do colonialismo português, através de uma política deliberada de assimilação, ter travado o processo natural de desenvolvimento das línguas africanas de Moçambique que — veículo de uma diversificada cultura de oralidade —, se poderiam ter transformado, num processo de desenvolvimento comparável ao das nações europeias, no suporte inevitável de diversas literaturas escritas. Tal não aconteceu, e como consequência, a língua portuguesa tornou-se o elemento privilegiado do acesso à escrita, ao saber, à cultura europeia — transformada em cultura de prestígio — de uma camada social produzida pelo Estado colonial, no quadro de um objectivo bem definido: obter servidores para o aparelho de Estado e mais tarde fornecer mão-de-obra para as empresas capitalistas. É dessa camada socialmente híbrida que emerge uma produção literária que se demarca, em muitos aspectos, do conjunto de outra produção que com ela coexiste. (É esta última produção que surge no texto de A. Mafalda como a geradora dos «eixos fundamentais» da literatura moçambicana). Por essa razão não nos parece fundamental a entrada de uma poética africana no estabelecimento do conceito em causa. Só em casos muito particulares de que José Cra-

veirinha é quase o único exemplo — o que A. Mafalda Leite demonstrou de forma extremamente criteriosa na Tese de Mestrado recentemente apresentada na Universidade Clássica de Lisboa — a literatura escrita em língua portuguesa integrou na sua estruturação componentes de uma poética enraizada na literatura oral.

Colocaríamos a questão de forma totalmente inversa, considerando que a literatura moçambicana, escrita em língua portuguesa, se constitui a partir de uma tradição literária europeia em que esporadicamente intervêm elementos decorrentes de um corpo poético enraizado em alguns géneros da literatura oral do Sul de Moçambique.

Parece-nos pois apressada e perigosa uma opção de estudo que enverede por justaposições do tipo literariedade + africanidade, se entendermos por «africanidade literária» o conjunto de códigos estéticos próprios da literatura oral africana, que, pelas razões já apontadas não foram transportados para uma literatura escrita.

Ao tentar precisar os limites que definem a moçambicanidade da nossa literatura, parece-nos mais adequado e rentável justapor literariedade e moçambicanidade. Embora correndo alguns riscos, talvez desta forma possamos questionar com maior pertinência o conceito em causa.

Perguntamos: o que nos permite, por exemplo, afirmar que Afonso Ribeiro (citado por A. Mafalda Leite, lado a lado com Virgílio de Lemos?) é/foi um escritor moçambicano ou que, pelo contrário, nunca o foi/não é? Servimo-nos do caso extremo de um escritor português, que tendo residido em Moçambique, tem toda uma obra profundamente ligada ao neo-realismo português, escritor que é reivindicado pela própria literatura portuguesa como seu. António José Saraiva e Óscar Lopes não demonstram ter qualquer dúvida quanto à inclusão deste escritor no movimento neo-realista português.

Em contrapartida quem se interrogou alguma vez sobre a legitimidade da inclusão da obra de Noémia de Sousa, José Craveiri-

nha e Kalungano na (e apenas) Literatura Moçambicana? A autoridade científica dos críticos citados que, em pleno fascismo não hesitam em considerar estes três poetas como escritores moçambicanos, legítima o que o senso comum estabelece: não há dúvida, é literatura moçambicana, reconhecida como tal pelos diferentes consumidores, desde o leitor comum aos críticos, professores, investigadores, no presente e no passado.

A partir daqui outra questão surge: o que distingue precisamente estes dois conjuntos de modo a que não seja possível integrá-los num só?

«MOÇAMBICANIDADE» A LUTA ARMADA

É neste ponto que pensamos ser indispensável introduzir um outro elemento, sem o qual todo o questionamento que se possa fazer deste problema, se torna, estamos convencidos, pouco produtivo.

Moçambique foi, até 1975 um território colonizado. A literatura produzida neste espaço manteve os seus limites circunscritos à relação colonizador/colonizado, relação que se manifestava em todos os níveis da sociedade e da sua organização. É esse facto que, quanto a nós, determina a heterogeneidade referida por A. Mafalda Leite. É esse facto que decisivamente contribui para que se definam, desde o início, os eixos fundamentais da literatura moçambicana ou, se quisermos de tendências ou correntes. (Ou serão literaturas paralelas?). É esse facto que torna o caso moçambicano original relativamente não a outras jovens literaturas nascidas da mesma situação particular que foi o colonialismo português, mas e apenas às literaturas formadas através de um longo processo de prestação, como é neste momento já o caso da literatura brasileira.

Correndo outro risco que é o de ficarmos definitivamente incluídos no grupo a que recentemente o crítico (moçambicano, português?) Eugénio Lisboa se referiu como «antropólogos de serviço para inventarem e venderem ao preço da uva mijona a falsa mito-

logia unificante que não está de facto no inconsciente da tribu» (Sic) (Comunicação apresentada ao Colóquio sobre Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, Paris, Novembro, 1984) destacaremos agora o elemento que consideramos determinante para uma efectiva aproximação ao conceito de moçambicanidade em Literatura: é o Movimento de Libertação Nacional o forjador, por excelência, do conceito de moçambicanidade porque é através dele que a própria nação se começa a construir. Pretender isolá-lo, ignorá-lo quando se tenta caracterizar, ou pelo menos problematizar os traços que poderão dar forma a uma literatura com carácter nacional, diferenciada das outras que se estruturam a partir do mesmo material linguístico, é não ter ainda entendido o carácter complexo, contraditório e dramático da formação das novas nações africanas e neste caso da nação moçambicana.

É nos escritores que mais fortemente reflectem a concepção do mundo produzida pelo universo ideológico determinado pela oposição colonizado/colonizador que este conceito se manifesta de forma mais marcada ou, pelo contrário, se dilui ou se ausenta. Não nos ocuparemos aqui dos escritores veiculadores da ideologia colonial, em que esse conceito é negado, por não caber essa reflexão no âmbito deste trabalho, embora consideremos ser um campo de estudo a não desprezar.

Por essa razão, não foi difícil no passado, identificar escritores como Noémia de Sousa, José Craveirinha, Kalungano como autores pertencentes a uma literatura estruturada já em torno dessa moçambicanidade cuja definição nos preocupa agora. Tendo embora a sua obra surgido num período anterior à acção organizada do Movimento de Libertação Nacional, ela capta-lhe as possibilidades, anuncia-o, profetiza-o, dá-lhe corpo no espaço de um imaginário que condições objectivas viriam a tornar real.

As grandes interrogações começam a surgir quando nos move-

mos no corpo flutuante que oscila entre este extremo e o de um Afonso Ribeiro, escritor neo-realista português, que, em dado momento, solidário com um povo o fez protagonista de um dos seus livros, o que, em nossa opinião só o fará entrar na literatura moçambicana a título honorífico.

«A CLIVAGEM»

Onde surge a clivagem? O que a caracteriza? Quem estabelece conjunto homogéneo?

Na sequência do que temos vindo a expor, atrever-nos-íamos a contrapor à proposta de A. Mafalda Leite, referida no ponto 3, a que resulta da nossa própria posição face à relação imaginário/real e que está na base de toda a argumentação anterior.

A clivagem não se produz pela oposição de uma poética ligada às correntes neo-realistas contraposta a outra esteticamente aparentada com a Presença. Estabelecê-la desta forma é transpor, de forma muito linear a dinâmica do fenómeno literário português, para o moçambicano. O fascismo português foi o pano de fundo do confronto neo-realistas/presencistas. Mas em Moçambique o poder não era só fascista; era também colonial. Este facto determina aquilo que nos parece fundamental para estabelecer a inevitável oposição: por um lado uma corrente orientada no sentido da moçambicanidade — tal como a procurámos definir e que aparece representada — com variações e graus de intensidade diversos em Rui de Noronha, Noémia de Sousa, José Craveirinha, Kalungano e mais tarde Jorge Rebelo e Sérgio Vieira. Por outro lado uma corrente — esta sim heterogénea, representada por poetas que, ora se aproximam deste núcleo ora dele se distanciam. Incluiríamos provisoriamente no primeiro grupo

poetas como João da Fonseca Amaral, Ruy Knopfly (parte da sua complexa obra), Virgílio de Lemos, Orlando Mendes e Sebastião Alba. Integraríamos no segundo grupo Reinaldo Ferreira, Glória de Sant'Anna e Lourenço de Carvalho.

Não atribuímos à nossa proposta outro valor que não seja o de hipótese de trabalho, pista para estudo, base para discussão. O estudo da literatura moçambicana, como literatura autónoma iniciou-se timidamente há dez anos. Mesmo assim ela surge em vários centros universitários ainda integrada na Literatura Portuguesa ou quanto muito nas Literaturas (a) Africanas (a) de Língua (Expressão) Portuguesa. Isto significa que fundamentalmente se estudam autores de forma isolada, com incidência para aqueles que tiveram maior divulgação.

Tal como a experiência brasileira já provou, conceitos como o carácter nacional de uma literatura exigem distanciamento temporal e pesquisa aturada de modo a reduzir-se a entrada do subjectivismo na análise. Esse tempo ainda não chegou, principalmente para nós outros, sujeito e objecto simultâneo de estudo de uma história de que somos os próprios protagonistas. Este será sobretudo, um tempo de estudo, reflexão, discussão, de polémica, de alargamento de campos de visão, de dúvidas e de interrogações. Será esta atitude que permitirá que, dentro de alguns anos, se comecem a estabelecer com maior rigor critérios que hoje ainda se afiguram como nebulosos, vagos e por vezes contraditórios.

Esperamos contudo ter contribuído de alguma forma para alargar uma discussão que nos possibilitará compreender melhor o que fomos e o que somos como Literatura.

Fátima Mendonça